

12. Uma guerra contra um inimigo invisível

Jaqueline Jean Jacque

Eu sou Jaqueline Jean Jacque, indígena do povo Galibi-Kali'na, carrego nas veias também o sangue Karipuna de minha mãe. Nasci e me criei na Aldeia Galibi, às margens do rio Oiapoque, e hoje estou vivendo para ver meu povo, assim como os demais povos indígenas e o resto do mundo, passar por uma situação que, nem nos nossos mais horríveis pesadelos, podíamos imaginar: uma guerra contra um inimigo invisível.

Sou professora, moro e trabalho na aldeia e, assim como em todo o país, lá as aulas também pararam. Fiquei na aldeia durante as duas primeiras semanas da quarentena, depois tive que voltar para Oiapoque porque tenho casa aqui e, infelizmente, não podia deixá-la só. Meus filhos estavam acostumados com a liberdade da vida na aldeia e hoje são os que mais sentem o reflexo do isolamento por conta dessa pandemia. Dois meses sem sair de casa e eles já não querem mais TV, tablet, internet, eles só querem voltar para a aldeia, mas como explicar para as crianças que é melhor para todos que não voltemos agora? Um dia eles entenderão que nada neste período é porque se quer, mas porque se deve!

Como professora fiz cadernos de atividades e comprei materiais para que meus filhos estudassem em casa, como uma maneira de compensar a ausência das aulas na escola. No início estava bem rígida com eles, não admitia que eles perdessem um só conteúdo. Mais tarde, como mãe, percebi que se nós, adultos, estávamos ficando psicologicamente abalados com essa situação, imagine eles, que sequer entendem direito o que está acontecendo, daí relaxei. Quando querem, eles fazem atividades, quando não querem, também não obrigo. Sei que tudo vai passar e eles terão tempo suficiente para ir à escola, e nem por isso me sinto uma mãe relaxada e insequente, quero apenas que meus filhos estejam com saúde. Percebi que de nada vale os estudos se não se têm saúde.

Minha família foi afetada física e emocionalmente pela COVID-19. Em meio a todo o pânico que o vírus espalha pelo mundo, um dos meus irmãos foi infectado, ele foi o segundo caso de Oiapoque. Foi desesperador saber que uma doença que surgiu em um lugar tão distante daqui estava agora entre nós. Nos causou um sentimento de impotência. Nesses momentos sempre buscamos uns nos outros carinho, aconchego e abraços, mas esse vírus é

tão cruel que até isso ele nos tirou. Ele nos isolou da nossa família e fez com que, sequer, pudéssemos socorrer um irmão. Mas passou e hoje ele está bem.

Meu pai e meu outro irmão estão na aldeia. Mantemos contato diariamente com eles por telefone e, dessa maneira, eles nos contam como estão se prevenindo. Assim como nas outras comunidades a saída das pessoas está controlada, não entra ninguém, a não ser os que já estão lá, e estes, quando chegam, tomam banho no rio antes de descer na aldeia, tudo o que está sendo levado de Oiapoque para lá é higienizado aqui e na aldeia também. Foi posta uma placa de conscientização na entrada do porto principal.

Eu, meu marido e meus filhos continuamos seguindo à risca as medidas de isolamento e distanciamento social. Pedimos por telefone grande parte do que precisamos e só saímos quando realmente é necessário. À nós, povos indígenas, não teve floresta que nos protegesse. O vírus já chegou a algumas comunidades e espero que, de onde quer que estejam, os espíritos de nossos pajés possam nos dar sabedoria para sabermos lidar e enfrentar essa situação.

Oiapoque, Amapá, Brasil

31 de maio de 2020